

**TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E PERSONALIDADE: UMA REFLEXÃO
CRÍTICA**
**TECHNOLOGY, EDUCATION AND PERSONALITY: A CRITICAL
REFLECTION**
**TECNOLOGÍA, EDUCACIÓN Y PERSONALIDAD: UNA REFLEXIÓN
CRÍTICA**

Erika Giacometti Rocha Berribili¹
Luiz Roberto Gomes²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal investigar a formação da Ideologia da Racionalidade Tecnológica, analisando suas bases históricas e teóricas e suas implicações para a configuração da personalidade em diferentes contextos sociais. A reflexão parte da relação entre cultura e civilização, destacando que o progresso material não segue uma trajetória linear e pode, ao contrário, conduzir a formas de barbárie. A análise enfatiza como essa ideologia influencia a formação da subjetividade, revelando suas consequências para a educação, para o enfrentamento de tendências autoritárias e para a consolidação de uma consciência crítica. Nesse sentido, busca-se compreender em que medida a racionalidade tecnológica atua como forma de dominação disfarçada de progresso, ao mesmo tempo em que se apontam caminhos para uma educação crítica e emancipadora.

Palavras-chave: desenvolvimento tecnológico; problemas sociais; filosofia da educação; desenvolvimento da personalidade.

ABSTRACT

This article aims to investigate the formation of the Ideology of Technological Rationality, analysing its historical and theoretical foundations as well as its implications for the configuration of personality in different social contexts. The discussion begins with the relationship between culture and civilisation, highlighting that material progress does not follow a linear path and may, instead, lead to forms of barbarism. The analysis emphasises how this ideology shapes subjectivity, revealing its consequences for education, for confronting authoritarian tendencies, and for strengthening critical awareness. In this sense, the study seeks to understand to what extent technological rationality functions as a form of domination disguised as progress, while also pointing out possible paths towards a critical and emancipatory education.

Keywords: technological change; social problems; educational philosophy; personality development.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo principal investigar la formación de la Ideología de la Racionalidad Tecnológica, analizando sus fundamentos históricos y teóricos, así como sus implicaciones para la configuración de la personalidad en diferentes contextos sociales. La

¹ Doutora em Educação, Universidade Federal de São Carlos, ORCID 0000-0003-1379-2492, erikagiacometti@gmail.com.

² Prof. Titular do Departamento de Educação, Universidade Federal de São Carlos, ORCID 0000-0002-8867-7897, luizrgomes@ufscar.br.

reflexión parte de la relación entre cultura y civilización, destacando que el progreso material no sigue una trayectoria lineal y puede, por el contrario, conducir a formas de barbarie. El análisis enfatiza cómo esta ideología influye en la subjetividad, revelando sus consecuencias para la educación, para el enfrentamiento de tendencias autoritarias y para la consolidación de una conciencia crítica. En este sentido, se busca comprender en qué medida la racionalidad tecnológica actúa como una forma de dominación disfrazada de progreso, al mismo tiempo que se señalan caminos hacia una educación crítica y emancipadora.

Palabras clave: desarrollo científico; problema social; filosofía de la educación; desarrollo de la personalidad.

INTRODUÇÃO

A inter-relação entre cultura e civilização forma um tecido complexo que, longe de ser passível de análise isolada, demanda uma abordagem holística e crítica. O progresso material, frequentemente concebido como uma trajetória linear, revela nuances multifacetadas que necessitam de nossa atenção crítica e cuidadosa. Neste desenvolvimento, a sombra da barbárie não apenas se faz presente, mas se expande, evidenciando uma regressão que ocorre paralelamente aos avanços sociais e tecnológicos. Essa dinâmica tem se manifestado de maneira particularmente contundente no contexto brasileiro recente, refletindo tendências alarmantes observadas em várias regiões do mundo, especialmente no hemisfério Norte. Tais tendências incluem o ressurgimento de surtos autoritários, o enfraquecimento das instituições democráticas, a luta por agendas moralistas e reacionárias, além de um crescente desinteresse pela ciência e pelo saber crítico.

Theodor Adorno (2020, p. 129) expressa essa preocupação de maneira incisiva, afirmando: “Qualquer debate sobre objetivos educacionais perde significado diante desta meta: que Auschwitz não se repita”. Em sua análise da década de 60, nos Estados Unidos, ele já identificava a ameaça de uma regressão à barbárie, alertando que essa repetição da história só poderá ser evitada se enfrentarmos suas raízes enraizadas na sociedade. Adorno propõe uma resposta clara a esse dilema: “Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é resistir ao poder cego dos coletivos, fortalecendo a resistência contra eles através do esclarecimento do problema da coletivização” (p. 138). A mensagem que perpassa o pensamento de Adorno é, portanto, inequívoca: a luta contra a barbárie não se limita à prevenção, mas exige uma vigilância contínua e esclarecida sobre os perigos inerentes à coletivização desmedida e ao poder cego, elementos essenciais para garantir que as lições do passado permaneçam vivas em nossa memória coletiva.



Neste contexto emergente, destaca-se a Ideologia da Racionalidade Tecnológica no Brasil, conforme abordado por Crochík (2003), que representa uma adaptação contemporânea dos conceitos discutidos na Personalidade Autoritária, originalmente explorados por Adorno *et al.* (1950). O presente artigo tem como objetivo principal investigar a formação da ideologia da racionalidade tecnológica, examinando suas bases teóricas e implicações para a configuração da personalidade em contextos sociais variados.

Compreender este fenômeno é de suma importância, pois fornece uma base sólida para o desenvolvimento de uma formação consciente e crítica. A consciência individual sobre si mesma e sobre seu contexto histórico-social pode servir como uma força vital contra os impulsos autoritários, promovendo, assim, uma sociedade mais justa, equitativa e alerta ao passado, capaz de reconhecer e desafiar as estruturas que ameaçam a liberdade e a dignidade humana.

A CONSTRUÇÃO DO CONTEXTO PARA O SURGIMENTO DE IDEOLOGIA DA RACIONALIDADE TECNOLÓGICA

Este estudo dedica-se a explorar a origem da Ideologia da Racionalidade Tecnológica, um conceito que se revela complexo e multifacetado, exigindo uma abordagem cuidadosa para seu pleno entendimento. Para compreender sua formação, é essencial não apenas delinear sua definição, mas também analisar minuciosamente o contexto histórico em que surgiu, bem como as diversas teorias que a moldaram ao longo do tempo. Além disso, é imprescindível considerar como essas ideias foram influenciadas e transformadas por mudanças sociais, tecnológicas e culturais ao longo das décadas, refletindo as tensões, disputas ideológicas e expectativas de cada época.

No início do século XX, o fracasso da revolução socialista mundial suscitou uma profunda crise de fé nas promessas do marxismo ortodoxo. Surgiu, então, uma questão crucial e perturbadora: por que, apesar do enfraquecimento da burguesia resultante dos conflitos da Primeira Guerra Mundial e da crescente miséria do proletariado, o poder não foi efetivamente tomado? Esta incerteza inquietante levou a uma reavaliação da configuração da personalidade, desvelando uma “resistência psíquica” que se opunha às mudanças sociais emancipatórias (Crochík, 1990, p. 141). Esse fenômeno evidenciou a necessidade urgente de uma compreensão mais profunda das forças psicológicas, sociais



e culturais que moldam a capacidade dos indivíduos e grupos de abraçar e impulsionar transformações sociais profundas e significativas.

A Ideologia da Racionalidade Tecnológica, como delineada por Crochík, emerge diretamente da análise da noção de “razão” na esfera da teoria crítica. Esta ideologia é profundamente influenciada por trabalhos de renome de pensadores críticos como Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse, cujas reflexões lançam luz sobre a intersecção entre razão, tecnologia e sociedade. Por exemplo, Habermas destaca a técnica e a ciência como fenômenos ideológicos, o que fundamenta a compreensão de Crochík sobre a razão instrumental e suas implicações sociais (Habermas, 1968). Nesse contexto, a razão tecnológica não é apenas vista como um conjunto de métodos eficientes, mas sim como um reflexo das estruturas sociais e ideológicas que moldam a maneira como a tecnologia é utilizada, interpretada e compreendida dentro do tecido da sociedade contemporânea.

Crochík, de maneira inovadora, redefine o conceito marxiano de ideologia, argumentando que a Ideologia da Racionalidade Tecnológica não se resume a um mero conjunto de crenças que as pessoas abraçam, mas sim se manifesta como uma tendência comportamental que leva os indivíduos a interpretar a realidade exclusivamente através da lente da razão instrumental, resultando na prevalência de uma personalidade narcisista. É importante destacar que essa ideologia não está isolada; ao contrário, ela está intrinsecamente entrelaçada com a história individual e cultural de cada sociedade, refletindo não apenas as mudanças nas relações de produção, mas também as transformações no controle da natureza (Crochík, 1990). Dessa maneira, a Ideologia da Racionalidade Tecnológica influencia fundamentalmente não só a maneira como as pessoas percebem e interpretam o mundo, mas também a forma como elas interagem, respondem e se adaptam às diversas transformações sociais e tecnológicas que as cercam.

Enraizada na teoria crítica, a Ideologia da Racionalidade Tecnológica representa uma compreensão subjacente que permeia todo o trabalho dos pensadores críticos, oferecendo uma análise que vai além de um exame superficial. Esta análise contextual proporciona uma base sólida para explorar a complexidade dessa ideologia e suas interconexões dinâmicas com a personalidade humana e as dinâmicas sociais em constante evolução. Além disso, ao examinarmos como essa ideologia se manifesta em diferentes esferas da vida social e cultural, não apenas enriquecemos a nossa

compreensão das forças que moldam a racionalidade moderna, mas também exploramos suas profundas implicações para a emancipação humana e o futuro de nossas sociedades.

A RAZÃO INSTRUMENTAL POR ADORNO E HORKHEIMER

Não é por acaso que Crochík menciona o conceito de “desencantar o mundo”, uma noção significativa introduzida por Adorno e Horkheimer (1985). A razão instrumental, amplamente discutida e analisada na teoria crítica, pode ser compreendida de forma mais profunda dentro deste contexto, especialmente ao examinarmos a ideia de Esclarecimento. Em linhas gerais, a tese de Adorno e Horkheimer (1985) constrói uma genealogia da razão, que, ao longo do tempo, acabou se transformando em um fim em si mesma. O objetivo inicial dessa razão era, de fato, libertar os indivíduos da dominação exercida pelo pensamento mítico. Contudo, ao longo do desenvolvimento das ciências, a razão ascendeu como uma verdade totalitária, substituindo os mitos que pretendia destituir. Essa transição revela um paradoxo inquietante: ao se tornar absoluta e totalitária, a razão se iguala aos mitos, tornando-se, por direito próprio, um engano. Este paradoxo é essencial para entender a ironia fundamental na Ideologia da Racionalidade Tecnológica: a busca por uma verdade objetiva e emancipatória, em última análise, gera uma nova forma de dominação e uniformidade que limita a liberdade e obstrui a crítica genuína.

Adorno e Horkheimer argumentam que, ao renunciar aos mitos, a humanidade teve como consequência a substituição do sentido e do conceito pelas meras fórmulas, a causa pelas regras e pela probabilidade (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 7). Inicialmente concebida como uma maneira de superar os mitos, a ciência, paradoxalmente, revelou-se como um substrato da dominação (p. 20). O que se pretendia como um Esclarecimento que deveria destituir os mitos acabou, na verdade, por substituí-los por uma verdade inquestionável, derogando o espaço para a reflexão crítica. Esse processo de transformação ressoa fortemente na Ideologia da Racionalidade Tecnológica, na qual a razão instrumental se converte em uma forma de poder que sufoca a crítica e a emancipação, estabelecendo-se como um novo tipo de mito que perpetua a dominação e a uniformidade.

Adorno e Horkheimer (1985) observam a evolução da filosofia, que, em seus primórdios, conservava resquícios de explicações baseadas no princípio criador, um

conhecimento que deriva do mito. À medida que o princípio criador se seculariza, a ciência deveria se concentrar na descoberta de particularidades anteriormente desconhecidas, com o intuito de melhorar as condições de vida, ao invés de produzir discursos plausíveis ou argumentos que apenas confirmassem visões de mundo pré-existentes. Nesse sentido, desencantar o mundo se traduz em uma busca pelo fim do animismo, substituindo a imaginação pelo conhecimento empírico e científico.

Contudo, essa pretensa busca por liberdade em relação ao domínio mítico, na busca por uma verdade objetiva e verificável, acaba resultando em uma nova tentativa de dominação que assume formas mais sutis e realistas. O Esclarecimento se torna um cânone contemporâneo, transformando-se em um mito a ser combatido. Nesse processo, a ciência, ao emergir como uma regra inabalável, assume também o status de um mito que deve ser desafiado (Adorno; Horkheimer, 1985, l. 343). Essa nova forma de mito, centrada na ciência e na racionalidade instrumental, não apenas perpetua a dominação, mas o faz sob a aparência de objetividade e progresso, refletindo a Ideologia da Racionalidade Tecnológica, que limita a liberdade crítica e a verdadeira emancipação humano.

Adorno e Horkheimer ressaltam que no passado, os sacrifícios eram frequentemente realizados como um esforço para identificar-se com uma realidade repetida e para escapar do poder que essa realidade tinha sobre os indivíduos. Com a renúncia a esses sacrifícios, uma nova lei surge, uma que submete o objeto à ordem da lei natural. Para garantir sua própria sobrevivência, o ser humano é compelido a se submeter à ciência, que se torna uma razão autossuficiente, contida em si mesma (Adorno; Horkheimer, 1985, l. 350). No entanto, essa busca pela autoconservação, imposta como um sacrifício pessoal de maneira quase instintiva desde o nascimento, acaba por conduzir à destruição virtual do sujeito, uma vez que dissolve a individualidade e leva ao cerceamento da vida humana. A antirrazão se manifesta de maneira prototípica no herói que se furta a esse destino, assumindo para si o ônus de sua própria anulação (Adorno; Horkheimer, 1985, l. 1010). Esse fenômeno ilustra a Ideologia da Racionalidade Tecnológica, em que a razão instrumental não apenas substitui os mitos antigos, mas estabelece uma nova forma de dominação disfarçada de progresso científico e racionalidade, que perpetua a alienação e a subjugação do indivíduo.

Na dinâmica contemporânea, a razão, em vez de proporcionar autonomia a cada indivíduo, transforma-se em um mito, já que é apresentada como uma forma prática de adaptação ou autoconservação. O homem sacrifica seu eu autêntico por sua autoconservação quando a lógica esclarecida é impostada como a única razão inabalável. Assim, a verdadeira essência, que deveria ser assegurada - a figura do sujeito autônomo que acredita estar fazendo escolhas através do seu livre arbítrio - encontra-se aprisionada por um Esclarecimento que se torna um instrumento que serve apenas a si mesmo. Edificado sobre a ideia de se desvincular dos mitos, o homem acaba por ficar preso a uma razão contraditória, um fato que Adorno e Horkheimer (1985, l. 1428) ilustram de forma vívida. Esta contradição expõe a Ideologia da Racionalidade Tecnológica, na qual a racionalidade instrumental se transforma em um mito renovado, que substitui a liberdade real e a crítica autêntica por uma lógica de adaptação e conformidade, perpetuando a alienação e o controle social.

Adorno e Horkheimer (1985) esclarecem que a razão, dentro do contexto do esclarecimento, é encarregada de organizar em um sistema os diversos conhecimentos que muitas vezes se apresentam de forma isolada, estabelecendo as operações do entendimento como um dos principais objetivos da ciência. Esse objetivo se aplica a qualquer epistemologia científica e a razão deve concretizar a conexão sistemática, tanto ascendendo aos gêneros superiores quanto descendo às espécies inferiores. Nessa perspectiva, o pensamento é entendido como a produção de uma ordem científica unificada, derivando conhecimentos empíricos a partir de princípios, que podem ser, ou não, axiomas arbitrariamente selecionados, ideias inatas, ou abstrações sublimadas. Entretanto, no núcleo desse sistema lógico, repousa um princípio de contradição fundamental. Qualquer esforço de discernimento que desafie esse princípio é considerado desviado ou como autoritário. A razão, portanto, fornece apenas a ideia de uma unidade sistemática e os elementos formais que sustentam uma conexão conceitual sólida (Adorno; Horkheimer, 1985, l. 1447). Este modelo de razão sistemática, ao buscar uma ordem uniforme e lógica, acaba por reforçar a Ideologia da Racionalidade Tecnológica, em que a incessante busca por uma verdade objetiva e sistemática pode ignorar a complexidade e a contradição que intrinsicamente compõem o conhecimento humano, resultando em uma forma de racionalidade que pode ser, tão limitadora e opressiva quanto os mitos que pretendia superar.

A razão, que em um tempo poderia fornecer autonomia ao sujeito, perde-se em meio à sociedade técnica. Ela se transforma em um pensamento calculador cuja função é preparar o mundo para satisfazer fins de autoconservação. Esta razão não reconhece outra finalidade a não ser a preparação do objeto a partir de um material sensorial que serve como matéria para a subjugação (Adorno; Horkheimer, 1985, l. 1446). Ao converter a razão em uma ferramenta de adaptação e controle, a Ideologia da Racionalidade Tecnológica reflete uma ideologia racional que, ao invés de emancipar o indivíduo, aprisiona-o em uma lógica de subordinação e conformidade, limitando a verdadeira liberdade e a criatividade genuína.

No contexto social, a razão não se restringe mais à autoconservação e ao silenciamento de um só indivíduo, mas passa a lidar com as diferenças que permeiam a convivência entre vários indivíduos em uma sociedade plural. A razão, condicionada por fins como uma ciência sistemática, nivela as diferenças em nome de um interesse comum, transformando-se em um instrumento que serve tanto à sociedade como à economia. O que se esperava da ciência, que era a produção de conhecimento associado à natureza, à distribuição de renda e à equidade social, passa a ser utilizado para sustentar a ordem existente, tornando-se uma técnica a serviço do próprio sistema que a iniciou, o que leva à perda da autonomia do sujeito (Adorno; Horkheimer, 1985, l. 1493). Esse processo evidencia de maneira contundente a Ideologia da Racionalidade Tecnológica, em que a razão, ao invés de promover emancipação e autonomia, se converte em um mecanismo de controle e padronização que reforça a dominação e limita a capacidade crítica essencial à individualidade.

Em síntese, a razão, que deveria libertar os indivíduos dos mitos e possibilitar a autonomia, acaba por se tornar um mito em si mesma. Apresentada sob a forma de adaptação e autoconservação, a razão serve, portanto, aos interesses do sistema, aprisionando os indivíduos em uma lógica contraditória. Nesse contexto, a ideologia da razão se revela como uma justificativa aparente para a dominação, obscurecendo as contradições existentes nas relações sociais e de produção. Ela transforma-se em um instrumento de controle que perpetua a ilusão de liberdade enquanto aprisiona os indivíduos em uma realidade cada vez mais alienada e desconectada de suas verdadeiras potencialidades.

DA RAZÃO COMO MITO AO COMPORTAMENTO DO INDIVÍDUO NA CULTURA

Há um contraponto curioso para a natureza da razão como semelhante ao mito, descrita por Adorno e Horkheimer (1985, p. 59-60). Esse exame explica-se pela ideia dos mitos também se assentarem com traços dessa mesma razão: “A interpretação mágica e coletiva do sacrifício, que nega totalmente sua racionalidade, é a sua racionalização [...]” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 60). Ao apresentarem essa ideia, os autores referem-se aos mitos como esclarecimento, uma vez que o objetivo deles era tentar dar uma explicação (e por isso razão) à realidade como forma de romper com a repetição. E completam: “as ideologias mais recentes são apenas reprises das mais antigas, que se estendem tanto mais aquém das ideologias anteriormente conhecidas quanto mais o desenvolvimento da sociedade de classes desmente as ideologias anteriormente sancionadas” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 60). Isso sugere que a Ideologia da Racionalidade Tecnológica não é um afastamento absoluto dos mitos, mas sim uma continuação disfarçada, em que a razão científica e instrumental se transforma em uma nova forma de mito, perpetuando as mesmas estruturas de dominação sob uma nova aparência de racionalidade e progresso.

Interpreta-se, assim, que a relação estabelecida entre os mitos e o esclarecimento se torna possível não só por sua semelhança e sua aplicação quando é imposta de forma totalitária na explicação para os fatos, como também por seu conteúdo racionalizado. São por esses termos que Crochík (2000, p. 01) ressalta o caráter ideológico dos mitos, posto que eles podem ser considerados modelos para comportamentos desejados elaborados e difundidos na sociedade: “Quer os mitos, quer a Odisséia, que se aproxima do romance, embora, como sublinham Horkheimer e Adorno (1985), seja mais do que isso, pedem por uma análise de sua configuração ideológica, naquilo que se refere à socialização” (Crochík, 2000, p. 01). Isso reforça a ideia de que a Ideologia da Racionalidade Tecnológica, ao transformar a razão científica em um novo mito, também perpetua e legitima comportamentos e estruturas sociais preexistentes, disfarçando-os sob a aparência de racionalidade e progresso, e assim contribuindo para a manutenção das relações de poder e controle na sociedade.

Essa ênfase, contudo, não é em vão: ele pretende mostrar que os mitos atravessam a história e, por sua natureza próxima ao do esclarecimento descrito por



Adorno e Horkheimer (1985) a partir da narrativa de Ulisses da Odisseia, é possível pensar o mito de Narciso muito mais do que uma mera analogia de entendimento da psique, como se apresentou em Freud (1976). Para Crochík (2000), a função socializadora dos mitos presentes nas narrativas épicas se apresenta como instrumento relevante de educação moral. Assim, Crochík sugere que esses mitos não apenas refletem aspectos da psique humana, mas também desempenham um papel fundamental na construção e na transmissão de valores e normas sociais, oferecendo uma crítica à forma como a Ideologia da Racionalidade Tecnológica pode desconsiderar o papel educacional e formativo dos mitos na formação da consciência e na manutenção da ordem social.

Na Odisseia, por exemplo, Crochík (2000) explica que as características individuais dos heróis Ulisses, Ajax e Aquiles eram ressaltadas em meio à narrativa. Uma vez que a astúcia, a bravura e o desejo de vingança fossem apenas características, elas se colocam como constituintes de sujeitos simbólicos que servem como modelo moral que ultrapassam barreiras históricas.

Contudo, para o autor, a concepção da relação entre cultura e sujeito na história é mais complexa do que tem sido apresentada: “Esta é uma posição teórica que se coloca de forma contrária tanto àquela que defende a constituição do indivíduo como tendo uma verdade ontológica independente da cultura a que pertence e da história desta cultura, quanto àquela que defende a completa dependência de sua constituição aos conceitos que temporariamente remetem ao que deve ser aquele objeto. O objeto é mais do que o conceito pode expressar sobre ele, ao mesmo tempo que depende dele para se constituir. Assim, a história e a cultura inscrevem as suas marcas no indivíduo, sem que as suas potencialidades sejam esgotadas por isso. O homem traz como natureza a construção da cultura que lhe permite a flexibilização de suas formas de ser” (Crochík, 2000, p. 02). Essa perspectiva crítica ilumina como a Ideologia da Racionalidade Tecnológica pode reduzir a complexidade da relação entre o sujeito e a cultura, tratada de maneira mais dinâmica e interativa na análise de Crochík, e ressalta a importância de reconhecer a flexibilidade e potencialidade do indivíduo além das imposições culturais e históricas.

Em outras palavras, o indivíduo não é nem independente da cultura nem somente produto dela. Há uma relativamente flexível possibilidade de autonomia nas formas de ser que pode ultrapassar as barreiras do tempo na cultura. Dessa forma, quando Crochík

concebe que “o homem traz como natureza a construção da cultura”, não se pode entender a mudança da história e dos sujeitos como alterações drásticas e estanques de uma época, por haver essa travessia de conceitos que são transmitidos, tendo os mitos e as narrativas épicas um papel fundamental nesse processo.

Assim, se com o Renascimento, surge o conceito de razão e de ciência que alteram a forma de pensar, não se pode concluir que esta não esteja contaminada pelos conceitos de racionalidade e moral encontradas nos mitos: “Assim, a configuração do indivíduo burguês, tal como podemos concebê-lo atualmente, já continha alguma visibilidade na época de Homero, supondo, também, vestígios do atual sistema socioeconômico que lhe determina as suas características” (Crochík, 2000, p. 03). Tal perspectiva sugere que, mesmo com o avanço da razão e da ciência, os fundamentos morais e sociais dos mitos ainda influenciam profundamente a configuração do sujeito moderno, revelando a persistência e a complexidade das estruturas culturais ao longo do tempo.

Essa conclusão entra em concordância com aquela que Adorno e Horkheimer (1985, p. 54) apresentam: “as linhas da razão, da liberalidade, da civilidade burguesa se estendem incomparavelmente mais longe do que supõem os historiadores que datam o conceito do burguês a partir tão somente do fim do feudalismo medieval”. A partir disso, Crochík assevera que ao procurar “elementos psíquicos em narrativas da antiguidade”, encontra-se vestígios da “constituição do indivíduo burguês”, e completa que “não se utiliza da atual conceituação psicanalítica [o conceito de narcisismo, conclui-se] para se compreender o indivíduo, mas a gênese de tal objeto que proporciona essa conceituação”. E, assim, ele afirma que “o indivíduo representado, quer por Ulisses, quer por Narciso, remete à especificidade das épocas em que foram criados e também aponta para a história da relação entre o homem e a cultura”. E mais: a apropriação que Horkheimer e Adorno (1985) fazem da Odisseia não é analógica, tal como o é a apropriação do mito de Narciso por Freud. Ela remete ao testemunho sobre as origens da Civilização Ocidental, como luta contra a natureza, ao protótipo das relações sociais e da identidade individual (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 03). Isso evidencia que a análise de Crochík transcende a mera analogia, oferecendo uma visão crítica de como os mitos e narrativas antigas fornecem insights profundos sobre as estruturas sociais e identitárias que moldam o indivíduo moderno. Dessa forma, Crochík (2000) ilustra que a compreensão dos mitos antigos não apenas revela a continuidade das características

burguesas, mas também reflete as transformações nas relações sociais e culturais ao longo da história.

Dessa forma, para demonstrar a relação não só de Ulisses como de Narciso, tanto no seu aspecto fantástico (e, portanto, analógico), quanto no seu aspecto ideológico, Crochík (2000) discorre que tanto na Odisseia em Ulisses há muito de Narciso que se aproxima da configuração do indivíduo na sociedade atual. Este paralelo entre Ulisses e Narciso serve para destacar como características e valores presentes nas narrativas antigas ainda ressoam nas formas contemporâneas de subjetividade e comportamento social, evidenciando a persistência e a transformação das influências culturais ao longo do tempo.

A RELAÇÃO DA RACIONALIDADE TECNOLÓGICA E A PERSONALIDADE

Na compreensão de Crochík (1990, p. 148), “a personalidade é a mediadora entre a estrutura social e a ideologia”, mas ele assevera que “não devemos cair no engano de supor que ela seja um fator independente”. Essa assertiva decorre do entendimento de que “a própria cultura é dotada de mecanismos que dificultam o surgimento de uma personalidade ‘genuína’” (Crochík, 1990, p. 148). Assim, ele compreende que se há uma distinção entre personalidade e ideologia, isso tem apenas como objetivo “mostrar uma cultura que facilita a oclusão da subjetividade”. Para ele, a cultura “impõe-se como reação à maturidade individual”. Portanto, deduz-se por que o autor (1999) entende alguns traços da personalidade, a exemplo do narcisismo, como característicos da época e justifica a construção da escala que poderia ser correlacionada a traços de narcisismo.

Ao mesmo tempo, isso revela o desenvolvimento social como correspondente ao desenvolvimento da personalidade, como ele mesmo aponta em concordância a pressupostos apresentados na teoria crítica, cuja produção de um determinado diagnóstico baseia-se em tendências estruturais do modelo de organização social vigente, bem como em situações históricas concretas:

O desenvolvimento do indivíduo é marca do avanço social. Esse pode ser aferido pelo quanto aquele consegue se diferenciar pela introjeção da cultura. Que o indivíduo tenha regredido, no que se refere à sua relativa autonomia possível no século passado, mostra que o progresso social levou à regressão individual (Crochík, 1999, p. 03).

Esta visão sublinha a interconexão entre o progresso social e o retrocesso individual, demonstrando como a evolução cultural pode simultaneamente promover avanços sociais e limitar a autonomia individual.

Dessa forma, pela defesa de uma personalidade narcisista inicialmente apontada como correlacionada à ideologia da racionalidade tecnológica por Crochík (1990, 1999), evidencia-se a cultura atrelada necessariamente ao conceito de civilização, cujo progresso contribui com o regresso, repercutindo na barbárie contra a qual essa mesma civilização luta (Crochík, 2007). Isso demonstra como os avanços tecnológicos podem paradoxalmente fomentar comportamentos regressivos.

Crochík (1990) afirma que as mudanças sociais, como por exemplo, a diminuição da importância da família para a socialização do indivíduo, criam condições para o fortalecimento desse traço de personalidade. A explicação de Crochík tem, como consequência, a concepção de influência da evolução do capitalismo sobre a dinâmica de formação psicossocial.

Nessa perspectiva, explica o capitalismo concorrencial, cuja organização e padronização não eram suficientemente sistematizadas, o controle se dava primordialmente sobre os instintos, não havia controle mais global sobre a consciência. Era o ego que elaborava os desejos do id e os submetia à apreciação do superego e à realidade externa. A sublimação presente, que consiste na modificação da orientação originalmente sexual de um impulso ou de sua energia levada a um outro ato aceito e valorizado pela sociedade, exercia papel considerável na constituição do indivíduo e da cultura.

Com os monopólios, cujas características de sistema são mais elaboradas, uma vez que encontramos empresas que observam a demanda produzindo exatamente o necessário ou há a união de empresas em prol da destruição da concorrência, os instintos podem ser liberados, contudo em conformidade com a sociedade. Essa limitação da liberação do id faz com que o superego volte a culpa ou contra si ou contra uma totalidade abstrata. Crochík (2014) reforça que essa culpa é impessoal em concordância com uma dominação também impessoal. Diferentemente do que ocorre no capitalismo concorrencial, o controle vai diretamente para a consciência, e isso corresponde à repressão advinda da liberdade instintiva. A esse processo, Marcuse (1975) dá o nome

de “dessublimação repressiva”: a sexualidade é submetida aos valores do mercado, sendo Eros, o construtor da cultura.

Em trabalho mais recente, ao analisar a relação entre tipos de personalidade e preconceito (Crochík, 2014), o autor assinalou que o sadomasoquismo, assim como o narcisismo, também se correlaciona com a escala da ideologia da racionalidade tecnológica que, por sua vez, também se correlaciona com a personalidade autoritária, cuja escala do Fascismo desenvolvida por Adorno et al. (1950) provou ser ainda válida em nossos dias. O sadomasoquismo, no entanto, diferentemente do narcisismo, relaciona-se a um objeto, portanto, sendo o indivíduo menos regredido.

Na análise, ainda foi possível constatar que os narcisistas tendem a ter preconceitos contra deficientes, enquanto os sadomasoquistas apresentaram maior propensão a praticar preconceitos que ferem a ordem moral. Para o sadomasoquista, a questão moral, expressa nos desvios em relação às regras não de todo introjetadas por ele e, por isso mesmo, exageradamente defendidas, é central - mais do que a questão da perfeição corporal ou intelectual, que, para o narcisista, é mais importante do que os supostos desvios morais. Para o narcisista, a questão da autoconservação, imaginária e realmente ameaçada, dada a sua constante sensação de impotência, à qual reage sua aparente prepotência, é mais premente (Crochík, 2014, p. 58).

Dessa forma, depreende-se que é possível encontrar não apenas um, mas alguns tipos de personalidades mais ou menos regredidas predominantes associadas à ideologia da Racionalidade Tecnológica. A análise dos tipos de preconceito é um ponto de partida para a compreensão das especificidades que caracterizam as barbáries a partir dele. Em termos gerais, trata-se do entendimento de um processo civilizatório contraditório: quanto mais progride, menos atinge seu objetivo inicial, porque sua organização gradualmente mais racionalizada contribui para a repressão e consequente infelicidade do indivíduo, constantemente submetido a condições de alienação de si, uma vez que não prevalece sua própria experiência e pensamento, mas a da produção (Crochík, 2014). Portanto, é essencial refletir sobre como a racionalidade tecnológica, ao mesmo tempo que impulsiona o progresso, pode paradoxalmente promover a repressão e a alienação individual, resultando em uma civilização que luta contra as próprias barbáries que gera.

**RACIONALIDADE TECNOLÓGICA, ESTEREÓTIPOS E A
CONTRIBUIÇÃO DE CROCHÍK**

A relação entre estereótipos e a ideologia da racionalidade tecnológica é fundamental para entender como as percepções simplificadas e preconcebidas sobre grupos sociais são exacerbadas por essa ideologia. A pesquisa inicial de Adorno et al. (1950) revelou a ligação entre tipos de personalidade e ideologias políticas, mostrando que autoritários tendem a adotar ideias conservadoras, enquanto não autoritários tendem a inclinar-se para ideologias liberais.

Crochík (1990, 1999, 2007, 2014) expandiu esse entendimento ao explorar como a racionalidade tecnológica influencia esses padrões. Ele demonstrou que a adesão acrítica aos estereótipos, um fenômeno já observado por Adorno *et al.*, é intensificada pela racionalidade tecnológica. Esta ideologia não apenas simplifica questões sociais complexas, mas também incentiva a aceitação cega de ideias preconcebidas, fortalecendo a irracionalidade subjacente ao comportamento humano.

Ao analisar o trabalho de Crochík, percebemos que a ideologia da racionalidade tecnológica não se limita apenas às esferas políticas, mas permeia nossa compreensão do mundo e das minorias. A *mentalidade de ticket*, discutida por Adorno e Horkheimer (1985), é amplificada por essa ideologia, impedindo não apenas a reflexão crítica de quem é tomado por ela, mas também limitando a diversidade de pensamento.

Portanto, ao reconhecermos a relevância do trabalho de Crochík, somos levados a refletir sobre como a ideologia da racionalidade tecnológica não só influencia nossas escolhas políticas, mas também restringe nossa capacidade de pensar de forma independente e crítica. Isso fundamenta uma discussão essencial sobre o rumo da sociedade moderna, destacando a importância de questionar estereótipos e promover uma compreensão mais profunda e informada das complexidades sociais.

**A CONSTITUIÇÃO DA IDEOLOGIA DA RACIONALIDADE
TECNOLÓGICA**

Crochík (2007) investiga a interrelação entre cultura, civilização e a ideologia da racionalidade tecnológica, apresentando uma visão crítica sobre como o progresso social parece estar inexoravelmente vinculado à repressão das pulsões individuais. Nesse sentido, a racionalidade se transforma em uma força unificadora que



homogeneiza os indivíduos e tudo em sua esfera, fundamentando-se em um cálculo que despreza as singularidades e particularidades humanas. Essa unificação, embora apresentada como um avanço da civilização, resulta em uma repressão das pulsões que alimentam a individualidade, levando à formação de desejos reprimidos que, na ausência de uma expressão saudável, frequentemente se manifestam de maneiras perversas. Essas expressões pervertidas de desejo geram hostilidade em relação à própria civilização que, ironicamente, deveria promover o bem-estar.

À medida que a divisão do trabalho se torna cada vez mais racionalizada, a distinção entre as diversas esferas sociais começa a se atenuar. A socialização abrangente, que deveria potencializar a expressão individual, paradoxalmente limita a capacidade do indivíduo de se diferenciar e se expressar. Essa uniformidade social não apenas sufoca a criatividade e a originalidade, mas também leva à busca por canais alternativos de realização dos desejos reprimidos, muitas vezes fora das normas sociais, resultando em comportamentos que se opõem à própria estrutura da sociedade (Crochík, 2007). Neste contexto, a crítica de Adorno à cultura de massa se torna crucial, pois identifica como a padronização e a homogeneização cultural intensificam ainda mais essa limitação da individualidade, obscurecendo a diversidade das experiências e das vozes individuais em nome de uma suposta unidade.

Ademais, a ideologia da racionalidade tecnológica, paradoxal em sua essência, revela uma coexistência inquietante entre racionalidade e irracionalidade. A irracionalidade, frequentemente manifestada através do tumulto dos desejos humanos reprimidos, se traduz em hostilidade e rebelião contra a própria sociedade que aliena e silencia essas expressões autênticas. Enquanto isso, a racionalidade social, ao concentrar-se unicamente na eficiência e controle, ignora as necessidades subjetivas e emocionais dos indivíduos, criando uma fissura entre o ideal de progresso e a realidade vivida por muitos (Crochík, 2007). Essa dicotomia aponta para a necessidade urgente de reavaliar os parâmetros da racionalidade contemporânea, que frequentemente falha em abarcar a complexidade do ser humano.

Crochík (1999) também ressalta que as transformações sociais têm alterado significativamente a relação entre cultura e indivíduo. A adesão à ideologia da racionalidade tecnológica já não se funda exclusivamente em sua aparente racionalidade, mas sim em um emaranhado de mecanismos psicológicos que dificultam o reconhecimento de sua irracionalidade subjacente. Este fenômeno leva a uma defesa

de ideias que carecem de consonância com a autoconservação individual, expondo uma necessidade emergente de compreender as nuances e as complexidades dessa ideologia (Crochík, 1999). A descoberta e compreensão desses mecanismos psicológicos tornam-se, portanto, essenciais para desvendar as várias camadas de aceitação social e individual dessa ideologia dominadora. Este entendimento propicia uma crítica mais profunda e fundamentada, que não apenas desafia a validade da racionalidade tecnológica, mas também busca resgatar a dignidade da experiência humana em meio às pressões homogeneizadoras da sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de Razão, conforme delineado pela teoria crítica, especialmente nas obras de pensadores como Theodor Adorno e seus contemporâneos, oferece uma base sólida e abrangente para entender a Ideologia da Racionalidade Tecnológica, um fenômeno que se impõe como pertinente e urgentemente necessário de ser discutido na sociedade contemporânea. Inicialmente, Adorno *et al.* (1950) buscavam estabelecer uma relação intrínseca entre a tendência autoritária da personalidade e a ideologia fascista, realizando um mapeamento detalhado que revela a complexidade da gama de personalidades envolvidas nesse terrível fenômeno histórico. Nesse sentido, a obra de Adorno serve como um alerta sobre os perigos da conformidade e da falta de crítica diante de formas de dominação que se disfarçam sob o manto da racionalidade.

No entanto, pensadores como Crochík (1990, 1999, 2007, 2014) expandiram essa compreensão inicial, oferecendo uma visão mais nuançada e crítica. Ele argumenta que não é a personalidade em sua totalidade que impulsiona a aceitação e adoção da ideologia da racionalidade tecnológica; ao contrário, certos traços psicológicos específicos, enraizados nas estruturas culturais e sociais, desempenham um papel crucial nesse processo. A “mentalidade de ticket”, por exemplo, emerge como um conjunto de estereótipos e preconceitos que são frequentemente adotados sem a devida reflexão crítica, e representa um elemento chave para entender as dinâmicas que sustentam e legitimam a ideologia da racionalidade tecnológica.

Além do diagnóstico, essa compreensão se revela essencial para promover uma educação que tenda a ser menos bárbara e mais inclusiva, visando fomentar uma sociedade que valorize a reflexão crítica e o questionamento. É fundamental estimular

o pensamento independente e analítico, capacitando os indivíduos a desafiar ideias preconcebidas e a buscar um entendimento mais aprofundado da realidade social que os cerca. O potencial transformador da educação reside em sua capacidade de cultivar esta consciência crítica, permitindo que cada indivíduo desenvolva a habilidade de questionar suas próprias posturas e crenças.

Compreender esses mecanismos sociais e psicológicos dentro do contexto histórico e social atual — que é marcado por ideologias diversas e muitas vezes contraditórias — se torna imprescindível. O reconhecimento e a análise dos processos psicológicos regressivos, que frequentemente emergem em resposta aos avanços científicos e tecnológicos, devem ser contextualizados em seu cenário histórico-cultural. Somente assim será possível cultivar uma consciência mais profunda e crítica de si e da sociedade ao redor. Este caminho representa uma etapa crucial para formar indivíduos menos dogmáticos, mais críticos e, potencialmente, mais humanos.

Portanto, construir esse tipo de formação se revela um desafio necessário e urgente, uma vez que a promoção de valores democráticos e a resistência ao autoritarismo torna-se cada vez mais relevante na contemporaneidade. O fortalecimento da capacidade crítica e da autonomia individual é essencial para que os indivíduos possam perceber e resistir às pressões da Ideologia da Racionalidade Tecnológica, que, sob a aparência de progresso e eficiência, pode velar formas sutis de dominação e opressão. Cultivar um espírito de crítica e autoconsciência é não apenas desejável, mas vital para a construção de um futuro mais humano e equitativo.

REFERÊNCIAS

- ADORNOS, T. W. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- ADORNOS, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J.; SANFORD, R. N. **The Authoritarian Personality**. Norton, Massachusetts: The Northon Library, 1950.
- ADORNOS, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Versão Kindle)
- CROCHÍK, J. L. A ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcisista. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- CROCHÍK, J. L. A personalidade narcisista na escola de Frankfurt e a ideologia da racionalidade tecnológica. **Psicologia-USP**, v. 1, n. 2, p. 141–154, 1990.



CROCHÍK, J. L. O Desencanto Sedutor: a Ideologia Da Racionalidade Tecnológica. **Revista Inter Ação**, v. 28, n. 1, 2007.

CROCHÍK, J. L. Personalidade autoritária e pesquisa empírica com a escala F: alguns estudos brasileiros. **Impulso**, v. 27, n. 69, p. 49–63, 2014.

CROCHÍK, J. L. Preconceito: relações com a ideologia e com a personalidade. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 22, n. 3, p. 309–319, 2005.

CROCHÍK, J. L. Tecnologia e individualismo: Um estudo de uma das relações contemporâneas entre ideologia e personalidade. **Análise Psicológica**, v. 18, n. 4, p. 529–543, 2000.

CROCHÍK, J. L. Ulisses e Narciso: o abandono de si mesmo e o abandono a si mesmo. **Revista Olhar**, v. 2, n. 4, p. 1–19, 2000.

HABERMAS, J. **Técnica e Ciência como "ideologia"**. Lisboa: Edições 70, 1968.

Submetido em: 08/08/2024

Aceito em: 29/09/2025

